Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.1

2022/01 ISSN 2178-6925

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM FRENTE AO AUTISMO INFANTIL

NURSING ACTION AGAINST CHILD AUTISM

Amanda Silva Moraes
Acadêmica do 10° Período em Enfermagem, Faculdade Unibrás/GO,
E-mail: mandsops07@gmail.com

Tairo Vieira Ferreira
Professor Especialista da Faculdade Unibrás/GO,
Email: tairo@faculdadeobjetivo.com.br

Recebido: 29/10/2021 – Aceito: 03/11/2021

Resumo

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado há quase seis décadas, porém ainda são explicitas, mesmo dentre os cientistas, as divergências, dúvidas e questões acerca deste transtorno do desenvolvimento humano, sobretudo no que diz respeito à sua etiologia. Assim, os objetivos da presente pesquisa são: Analisar a atuação da Enfermagem no cuidado aos pacientes com Transtorno do Espectro do Autismo(TEA), na infância. Desta forma, o manejo e as ações devem ser planejadas e ajustadas indo ao encontro do grau do transtorno, que requer desde uma intervenção farmacológica à atenção multiprofissional centrada na integralidade da pessoa. Este trabalho foi uma revisão da literatura utilizando as bases de dados das plataformas, LILACS, Google Acadêmico, Bireme, além de livros. Foram selecionados artigos a partir de 2007 a 2020 com temas relacionados a atuação da enfermagem frente ao autismo infantil. Sendo os resultados apresentados de forma descritiva. O enfermeiro é a base do processo de diagnóstico do autismo, ele atende os sinais e sintomas do autismo, cuida bem das crianças e seus familiares, incentiva e entrega segurança e tranquilidade a todos. Vale lembrar que o tratamento do autismo precisa estar alinhado com a equipe multidisciplinar.

Palavras Chave: Autismo; Enfermagem; Cuidados

Abstract

Autism is a human development disorder that has been studied for nearly six decades, but it is still clear, even among scientists, as divergences, doubts and issues related to this human development disorder, especially with regard to its etiology . The specific behavioral characteristics of people with autism, together with the degree of severity of the disorder, can contribute to the increase of potential stressors for family members. The role of the nurse can be relevant for these families, serving as a bridge for effective communication between the medical team and the family, which should never be

denied. Approaching the autistic child requires from the health professional the development of skills, knowledge and individualized care. Thus, management and actions must be planned and adjusted to meet the degree of the disorder, which requires a pharmacological intervention in multidisciplinary care focused on the person's integrality. The nurse is the basis of the autism diagnosis process, he attends to the signs and symptoms of autism, takes good care of children and their families, encourages and delivers security and tranquility to everyone. It is worth remembering that the treatment of autism needs to be aligned with a multidisciplinary team.

Keywords: Autism; Nursing; care.

1. Introdução

O autismo é um transtorno de desenvolvimento, manifestado tipicamente antes dos três anos de idade e caracterizado por um comprometimento de todo desenvolvimento psiconeurológico, afetando tanto a comunicação (fala e entendimento) quanto o convívio social. Há um comprometimento nas áreas de cognição, linguagem e no desenvolvimento motor e social (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

Uma quantidade considerável de pesquisas sobre o autismo vem sendo desenvolvida nos departamentos de pesquisa ao redor do globo. Há diversos estudos que exploram pessoas com autismo, todavia ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas (KRUGER, 2015).

Quando inseridos em um serviço de saúde, cabe aos profissionais da enfermagem, com ajuda de uma equipe multidisciplinar, atentar para que a rotina dessa criança seja preservada o máximo possível, reduzindo, assim, o estresse desse período traumático de afastamento de tudo que faz parte de seu mundo para adentrar no desconhecido ambiente hospitalar (DARTORA et .el 2014).

Na perspectiva dos direitos humanos, as pessoas com transtorno do espectro do autismo têm direito à inclusão e à proteção do Estado contra a violação de seus direitos e no enfrentamento de barreiras construídas em decorrência de preconceitos e da não aceitação de suas especificidades. Esta é uma conquista trazida pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, na qual se ampara a Lei nº 12.764/2012 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

O papel do enfermeiro poderá ser ainda mais expressivo, sendo o elo entre a equipe médica e a família, estabelecendo melhor o diálogo entre ambos. Além disso, o enfermeiro poderia realizar um papel mais importante na interação e

2022/01 ISSN 2178-6925

comunicação com a criança (ANJOS, 2020).

O enfermeiro tem como principal papel mediante o autismo, o ato de cuidar, abrangendo não apenas a criança no Espectro Autista, mas também possibilitando mudanças em todo o ambiente familiar, buscando diminuir, por meio do contato longo e prolongado, o receio do preconceito mediante a sociedade e o sentimento de inferioridade, ansiedade, diante o transtorno (FILHA et. el 2019).

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado há quase seis décadas, porém ainda são explicitas, mesmo dentre os cientistas, as divergências, dúvidas e questões acerca deste transtorno do desenvolvimento humano, sobretudo no que diz respeito à sua etiologia. Desta maneira, apesar de atualmente ser bem mais conhecido, o espectro autístico ainda surpreende pela diversidade de características que pode apresentar e pelo fato de, na maioria das vezes, a criança que tem autismo ter uma aparência totalmente dentro dos padrões (MORAIS, 2013).

As características específicas de comportamento das pessoas com autismo juntamente com o grau de severidade do transtorno, podem contribuir para o aumento de estressores em potencial para familiares. O papel do enfermeiro poderá ser relevante para estas famílias, podendo servir como ponte para uma comunicação efetiva entre a equipe médica e a família, que nunca deverá ser renegada (NOGUEIRA; RIO, 2011).

Diante desse contexto, o enfermeiro é responsável por desenvolver ações de reabilitação a fim de ajudar o paciente a enfrentar sua realidade, reconhecer e compreender suas habilidades, capacidades e aprender a conviver com suas limitações (BARBOSA,2012).

Por esses motivos torna-se relevante uma pesquisa sobre a atuação da enfermagem frente ao autismo, pois é um papel indispensável do enfermeiro realizar a devida assistência aos portadores do Transtorno do Espectro do Autismo. Assim, os objetivos da presente pesquisa são: Analisar a atuação da Enfermagem no cuidado aos pacientes com Transtorno do Espectro do Autismo(TEA), na infância; Evidenciar um entendimento sobre o autismo; compreender a eficácia do cuidado de enfermagem.

2022/01 ISSN 2178-6925

Este trabalho foi uma revisão da literatura utilizando as bases de dados das plataformas, LILACS, Google Acadêmico, Bireme, além de livros. Foram selecionados artigos a partir de 2007 a 2020 com temas relacionados a atuação da enfermagem frente ao autismo infantil. Sendo os resultados apresentados de forma descritiva.

A pesquisa foi realizada nos idiomas nacional e língua inglesa utilizando as palavras-chave: Enfermagem Psiquiátrica; Autismo infantil; Assistência de Enfermagem.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 AUTISMO

De acordo com Riesgo (2013), o autismo esta inserido dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), este é um transtorno complexo e abrangente do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficit na interação social, na comunicação, e pela presença de comportamentos restritos e estereotipados (RIESGO, 2013).

Este transtorno caracteriza-se, por um atraso em várias áreas do desenvolvimento, tais como: interação social recíproca, a relação com pessoas, falta de interesse e prazer com os outros, percepção comprometida da sua existência e empatia. Também, aponta recusa na comunicação verbal e não-verbal, atraso na linguagem, resistência em manter uma conversação e o uso estereotipado e repetitivo da palavra. Observa-se também, compreensão atrasada da linguagem e uma dificuldade para compreender metáforas (de MELO, et. el 2017).

A detecção precoce para o risco de TEA é um dever do Estado, pois, em consonância com os princípios da Atenção Básica, contempla a prevenção de agravos, a promoção e a proteção à saúde, propiciando a atenção integral, o que causa impacto na qualidade de vida das pessoas e de suas famílias. As diretrizes

2022/01 ISSN 2178-6925

do SUS preconizam a essencialidade de políticas de prevenção e intervenções para crianças em situações de risco e vulnerabilidade, o que é o caso das crianças com alterações na interação e na comunicação, porque isso pode representar, além de outras dificuldades para o desenvolvimento integral da criança, o risco para TEA (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

O diagnóstico de TEA baseia-se no quadro clínico evidenciado pelacriança. Não existem exames ou testes laboratoriais específicos, entretanto crianças com o transtorno podem manifestar eletroencefalograma alterado e anormalidades metabólicas como aumento do nível de serotonina no sangue (ANJOS 2019).

Apesar de décadas de estudos e investigações, a etiologia do autismo permanece indeterminado, pois se trata de um distúrbio complexo e heterogêneo com graus variados de severidade (PEREIRA. RIESGO. WAGNER, 2008).

Para se observar uma resposta mais efetiva da criança, analisa-se que o atendimento deve ser voltado para uma equipe multiprofissional de modo que todos estejam inteiramente envolvidos em uma mesma linha de cuidados. O diálogo entre os profissionais da área de saúde é indispensavel, tanto para se avaliar a evolução da criança, quanto para se planejar intervenções mais eficazes de tratamento (FIGUEIREDO 2015).

As aparições clínicas do paciente com TEA abrangem aspectos neurológicos, comportamentais e genéticos. A eficiência dos profissionais de neuropediatria e psicologia estudada quanto à capacidade de diferenciar e classificar os pacientes, revelando que a maioria desses profissionais está relativamente preparada, necessitando de treinamento e de orientação médica complementares (ANJOS 2020).

Diante disto, fica evidente que o diagnóstico das pessoas com TEA é realizado através do seu histórico de vida e de observação minuciosa do seu comportamento, desde a gestação da mãe até os dias atuais. Para que o diagnóstico seja bem elaborado se faz necessário que os pais ou babás, não percam nenhum detalhe da vida da criança e que repassem todas as informações detalhadamente aos especialistas. Portanto, o diagnóstico não se faz num dado momento, mas, é o resultado de um acompanhamento (OLIVEIRA, 2016).

2022/01 ISSN 2178-6925

2.2 CATEGORIAS DE AUTISMO

Segundo Brito (2013), o conceito de TEA ainda é novo e pouco compreendido. O comum são as pessoas utilizarem a expressão “autista” para designar todas as variações do TEA. No entanto, como o TEA não se manifesta de uma única forma, o adequado é utilizar o termo TEA e compreender que, na verdade este espectro é caracterizado por possuir variações que “transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso” (SILVA et all, 2012, p. 64).

De acordo com o DSM-V (2013) é classificado como Transtorno do Espectro Autista: o Autismo, Síndrome de Asperges, Transtorno Desintegrativo e Transtorno Global do Desenvolvimento. Os quais manifestam as seguintes características: déficits sociais, de comunicação, interesses restritos - fixos e intensos - e comportamentos repetitivos. Os traços do transtorno variam de acordo com o nível de comprometimento, que pode variar entre leve, moderado ou grave.

A literatura mais recente na área classifica o TEA como um transtorno que possui variações e subdivide estas variações em pelo menos quatro categorias, que variam do grau mais leve (menos comprometido) até o mais alto grau (cujo comprometimento é maior), podendo ser assim divididos: a) Traços de autismo (cujas características são bem leves); b) Síndrome de Asperger (possuem alguns comprometimentos básicos, mas com um nível intelectual e de habilidades importantes); c) Autismo de alto funcionamento (os savant); d) Autismo Clássico (o que apresenta maior comprometimento, inclusive intelectual).

Dentre os indivíduos que possuem TEA, destacamos aqueles que têm a síndrome de Asperger. Estes geralmente são confundidos com os savants, 14 mas existe uma diferença entre eles. As crianças com Asperger geralmente apresentam “interesses restritos, em determinadas áreas específicas”, já os savants “apresentam de maneira extraordinária, no mínimo uma habilidade

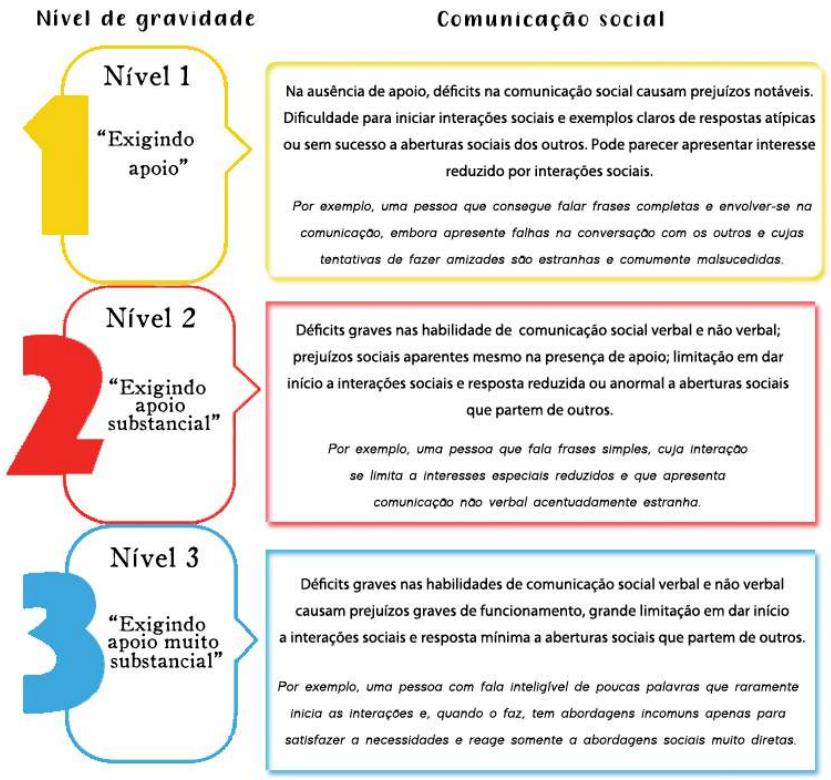
2022/01 ISSN 2178-6925

especial" (SILVA, 2012, p.100).

É importante dizer que em todos os que possuem o TEA, há potencialidades e algumas limitações, no entanto, é preciso que a sociedade identifique estas potencialidades e estimule a autonomia e o desenvolvimento destes indivíduos, valorizando cada conquista. Desse modo, veremos no Brasil e no mundo muito mais exemplos de pessoas com TEA que venceram suas dificuldades e com ajuda da família ou de profissionais conseguiram direcionar corretamente seus talentos para desempenhar papéis importantes na sociedade (SILVA, 2012, p. 106).

Os prejuízos na interação social podem apresentar-se como isolamento social ou comportamento social inapropriado com uma ampla extensão de prejuízos sociais recíprocos como: evitar o contato visual, não responder quando chamado, não participar de atividades em grupos, não tomar consciência dos outros, mostrar indiferença a afeições ou afeições inapropriadas e ausência de empatia social ou emocional (TUCHMAN, 2009).

Os aspectos da comunicação ocorrem em graus variados. Enquanto algumas crianças conseguem adquirir uma linguagem adequada outros não conseguem desenvolver esta habilidade. Em alguns casos esta linguagem pode ser caracterizada por jargão, ecolalia, reversões de pronome etc. As crianças que adquirem esta fala expressam dificuldade em começar e manter um diálogo adequado (RIESGO, 2013)



A prática regular de atividade física (AF) pode trazer diversos benefícios para pessoas com autismo. Porém, a população de pessoas com autismo não apresenta elevados níveis de atividade física (PAN e FREY, 2006). Além disso, segundo Memari et. al. (2013) os benefícios que a prática regular pode proporcionar são diversos, tais como: aumento da sensibilidade aos medicamentos, a redução das estereotipias, a melhoria nas questões sociais e motoras. Nesse sentido, a prática de AF torna-se uma ferramenta importante para a melhoria da qualidade de vida destes indivíduos.

Ao analisar as pesquisas sobre o TEA, afirmamos que ele não é mais uma síndrome desconhecida, porém muitos questionamentos ainda não foram esclarecidos. Uma grande dificuldade encontrada pelos pesquisadores da área é a dificuldade de diagnóstico. Isso ocorre, pelo fato de não existirem exames capazes de determinar o diagnóstico de autismo por meio de avaliações médicas objetivas, mas apenas por observações de comportamento, sendo que a criança deve ser acompanhada por diversos profissionais capacitados (STELZER, 2010).

2022/01 ISSN 2178-6925

2.3 PAPEL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NOS CUIDADOS DA CRIANÇA AUTISTA

O enfermeiro tem como principal papel mediante o autismo, o ato de cuidar, abrangendo não apenas a criança no Espectro Autista, mas também possibilitando mudanças em todo o ambiente familiar, buscando diminuir, por meio do contato longo e prolongado, o receio do preconceito mediante a sociedade e o sentimento de inferioridade, ansiedade, diante o transtorno especto autista (FILHA et. el 2019).

Entretanto, tem se percebido um grande déficit de conhecimento por parte profissionais enfermeiros sobre o TEA e a falta destes profissionais treinados e preparados para os cuidados com essas crianças. A enfermagem nessa circunstancia, pode atuar na educação especial excitando o desenvolvimento das potencialidades das crianças com TEA em todo a forma biopsicossocial, auxiliando esses indivíduos a tornarem-se ativos na construção de sua vida e de sua independência (OLIVEIRA, 2018).

Os estudos científicos oferecem ao enfermeiro mais conhecimento sobre o TEA, ajudando no desenvolvimento de um olhar crítico, analítico e humanizado, para portar-se com mais segurança, autonomia e realizar as intervenções junto a uma equipe multiprofissional visando principalmente o diagnóstico precoce, diminuição tanto da manifestação de movimentos repetitivos e estereotipados, como das carências relacionadas com a interação social e comunicação (SENA et al., 2015). Visando proporcionar esses benefícios ao paciente, a enfermagem deve se atentar a um cuidado com caráter educacional e assistencial, sempre mantendo a conduta estabelecida pela evidência cientifica, o que proporcionará melhores resultados no processo de enfermagem desenvolvido com o paciente (SENA et al., 2015).

De acordo com dos Santos(2020), mostra um número maior de publicações científicas referentes ao autismo a partir do ano de 2002 em relação aos profissionais da medicina, observando a ausência do profissional de enfermagem para contribuir no rastreio dos sinais deste distúrbio.

2022/01 ISSN 2178-6925

É importante que o processo diagnóstico seja realizado por uma equipe multiprofissional com experiência clínica e que não se limite à aplicação de testes e exames. A pluralidade de hipóteses etiológicas sem consensos conclusivos e a variedade de formas clínicas e/ou comorbidades que podem acometer a pessoa com TEA exigem o encontro de uma diversidade de disciplinas. Portanto, é preciso avaliar a necessidade de exames neurológicos, metabólicos e genéticos que podem complementar o processo diagnóstico (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que existam mais de 70 milhões de autistas no mundo. No Brasil acredita-se que existam um milhão de autistas, 90% deles não diagnosticados (BRASIL,2014).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) configura uma perturbação do neurodesenvolvimento humano que compromete as áreas de interação social, comunicação e comportamento, identificado geralmente, na criança pré-escolar(PINTO,2016) .

No Brasil, profissionais de saúde, educação, pais e familiares são personagens que conquistaram a consecução dos direitos fundamentais da pessoa com TEA por meio de uma política especifica. A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista é instituída pela Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, e garante a pessoa com TEA o direito à vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança, lazer e a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração (BRASIL,2012)

Abordar a criança autista exige do profissional de saúde o desenvolvimento de habilidades, conhecimento e estratégias de cuidado individualizado. Desta forma, o manejo e as ações devem ser planejadas e ajustadas indo ao encontro do grau do transtorno, que requer desde uma intervenção farmacológica à atenção multiprofissional centrada na integralidade da pessoa(HOPF KP, 2016)

Para estar apto a ajudar a família e assistir melhor a criança autista, o profissional necessita de embasamento teórico. A importância de conhecer o tema para discorrer informações aos pais, observar sintomas e comportamentos,

2022/01 ISSN 2178-6925

favorecendo assim o encaminhamento a um local adequado para avaliação de especialistas, contribui para importante diagnóstico precoce (CARNIEL, 2014). Com isso, faz-se necessário conhecer a percepção dos profissionais da enfermagem acerca da temática, buscando detectar lacunas ou potencialidades destes profissionais, com o objetivo de alcançar cada vez mais qualidade na assistência ao autista e sua família (DARTORA et al, 2014).

De todos os profissionais da saúde envolvidos na assistência, ao enfermeiro cabe o papel de humanização. A presença humanizada e quem cuida poderá representar ao profissional de saúde a certeza de ter promovido, dentro de suas possibilidades, uma melhor qualidade de vida e de bem-estar àquele que estava temporariamente sob seus cuidados (BARBOSA, 2012).

O autismo é um dos transtornos invasivos do desenvolvimento mais conhecidos, dentre estes se encontram várias patologias que, juntas, formam um continuum autístico podendo variar desde condições que guardam peremptoriamente o retardo mental à condições que não estão associadas a este (síndrome de Asperger) ou, ainda, condições que podem ou não estarem relacionadas com déficits cognitivos, como é o caso do próprio autismo e do TID sem outra especificação (LOPEZ, 2014).

O profissional de enfermagem tem importância significativa na investigação de certas alterações que dizem respeito ao desenvolvimento comportamental de um indivíduo, pois o enfermeiro é um dos profissionais que acompanha por mais tempo um paciente. Para tanto, o profissional de enfermagem deve ter embasamento teórico o suficiente para conseguir identificar precocemente sinais evidentes do autismo, é papel do enfermeiro estar atento às reações da criança ao se relacionar com alguém, [...] proporcionar conhecimentos aos pais acerca do autismo, avaliar o grau de compreensão desses pais sobre a doença" (CAMIEL EL, 2010)

Ao realizar consultas para acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil, durante a puericultura, o enfermeiro possui grande relevância no diagnóstico precoce do autismo. Com isso, torna-se imprescindível que este profissional tenha conhecimento para identificar a presença do TEA

2022/01 ISSN 2178-6925

através do comportamento e características do portador (CAVALCANTE, ALVES, & ALMEIDA, 2016; COSTA, SILVA, GONÇALVES, & NASCIMENTO, 2014).

A assistência da enfermagem é importante na descoberta do autismo. Durante a consulta de enfermagem ao se avaliar o crescimento e desenvolvimento infantil, a percepção do enfermeiro auxiliará na descoberta precoce do TEA. É fundamental que o enfermeiro tenha conhecimento para avaliar os sinais e sintomas, para que haja uma intervenção satisfatória no tratamento e melhora do paciente (MELO et al., 2016).

O papel da equipe de enfermagem inclui a escuta qualificada, onde os pais/indivíduo falarão sobre suas experiências e o enfermeiro lhes dará orientações e soluções. Diante disto é a partir do acolhimento, a realização da consulta de enfermagem e da coleta de dados, o enfermeiro identificará possíveis diagnósticos (MAIA et al., 2016).

É de extrema importância que o profissional esteja capacitado para atender o portador do autismo proporcionando a ele um atendimento de qualidade e dignidade e a sua família suporte psicológico necessário. A criança com autismo pode sim ser uma criança “normal" como as outras, basta termos profissionais qualificados para melhor atende-los. Por isso é tão difícil para os pais ter um diagnóstico precoce da doença, para quanto antes trata-la e incluir acriança a sociedade. E de fundamental importância que a enfermagem dê assistências a essas famílias, preparando os pais para o convívio diário e social dos seus filhos com autismo. São pessoas e tem todo o direito de uma vida saudável e digna perante a sociedade (MORAIS, 2013).

Portanto, independentemente de qual equipe nos diversos pontos de atenção ocupar a referência para articular e operacionalizar o cuidado, é importante evidenciar alguns aspectos importantes que devem ser considerados na construção dos projetos terapêuticos singulares. No acompanhamento proposto, é essencial o entendimento ou a tentativa de entender os modos de funcionamento do sujeito, das relações que ele estabelece e seus impasses. A proposta terapêutica deve partir do contexto real do sujeito, das rotinas que ele estabelece, de seu cotidiano, do que ele elege, do que evita, da escuta da família

e de outros atores importantes para a pessoa em questão, para que seja possível uma aproximação, com vistas à definição da direção do tratamento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

3. Considerações Finais

Os profissionais de enfermagem que cuidam de pacientes com autismo devem ter uma compreensão profunda do TEA, monitorar e ajudar as famílias com membros autistas, fornecer assistência, focar na saúde do paciente e esclarecer as preocupações relacionadas. O enfermeiro é a base do processo de diagnóstico do autismo, ele atende os sinais e sintomas do autismo, cuida bem das crianças e seus familiares, incentiva e entrega segurança e tranquilidade a todos. Vale lembrar que o tratamento do autismo precisa estar alinhado com a equipe multidisciplinar.

A relação do enfermeiro com o paciente com autismo é muito importante, pois muitas vezes os pacientes apresentam dificuldades na expressão oral, o que exige do enfermeiro uma observação cuidadosa, uma escuta e uma ajuda diferenciada. É preciso ir além do que se vê holisticamente, pois saber que cuidar é cuidar e prestar atenção ao outro é a essência da vida humana. Por meio da orientação de familiares com autismo, é elaborado um plano de tratamento que seja diferenciado para cada criança ou paciente, de forma a proporcionar a cada participante uma melhor qualidade de vida.

Referências

ANJOS, Maria de Fátima Silva dos. **Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista.** 2020**.**

BARBOSA, C; COUTO, F; GOMES, R; EMMERICK, V; XAVIER, Z. **Atuação do enfermeiro frente aos modelos substitutivos no tratamento aos portadores de transtornos mentais.** Littera Docente & Discente em revista. 2012.

BRASIL. (2015). Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção integral às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias no**

sistema único de saúde. Ministério da Saúde, Brasília. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pd.

BRASIL. Lei Ordinária Federal nº 12.764. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, DF: Senado Federal; 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo** (TEA). Brasília: Ministério da Saúde; 2014.

CARNIEL, E; SALDANHA, L; FENSTERSEIFER, L. **A atuação do enfermeiro frente à criança autista**. 2010.

CARNIEL,E.L.;SALDANHA,L.B.; FENSTERSEIFER, L. M. **A atuação do enfermeiro frente à criança autista**. Pediatria (São Paulo) 2010;32(4):255-60.

CAVALCANTE, A. S., Alves, N. A., & Almeida, A. B. S. (2016). **A assistência do enfermeiro à pessoa portadora de autismo: uma revisão integrativa**. Simpósio de TCC e Seminário de IC. 2ª edição p. 1780-1791. Recuperado de http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/af b8f6610160496bbd59be6f52910637.pdf.

DARTORA, D; MENDIETA, M; FRANCHINI, B. **A equipe de enfermagem e as crianças autistas**. Universidade Federal de Pelotas. 2014.

DARTORA, Denise Dalmora; FRANCHINI, Beatriz; DA COSTA MENDIETA, Marjoriê. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursingand Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.

Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V), 2013, Washington: **American psychiatric association**.

Sezini, Karla Aparecida Xavier, and Charleston Sperandio de Souza. "DESMOTIVAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO: FATORES QUE GERAM MEDIDAS PARA A REVERSÃO." *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro* 1 (2020): 01.

DOS SANTOS FILHO, Marcelo Cerilo et al. A Importância do Profissional Enfermeiro no Diagnóstico do Autismo: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Psicologia e Saúde em debate, v. 6, n. 2, p. 235-245,** 2020**.**

FEIFER, G. P., de Souza, T. B., Mesquita, L. F., Ferreira, A. R. O., & Machado, 2015.

FIGUEIREDO, Jeane. **O autismo infantil: uma revisão bibliográfica**. **São Luiz,** FILHA, Francidalma Soares Sousa C. et al. Processos históricos e avaliativos referentes ao transtorno do espectro do autismo e a enfermagem na atualidade. **Vita et Sanitas**, v. 13, n. 2, p. 66-78, 2019.

HOPF KP, Madren E, Santianni KA. **Use and Perceived Effectiveness of Complementary and Alternative Medicine to Treat and Manage the Symptoms of Autism in Children**: A Survey of Parents in a Community Population.

JUNIOR, Wilson Claudino dos Santos. **O autismo infantil e a enfermagem: uma revisao bibliografica.** 2007.

KRÜGER, Gabriele. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DISSERTAÇÃO **ATIVIDADE FÍSICA E BARREIRAS EM CRIANÇAS COM AUTISMO DE PELOTAS**. [s.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6543/1/Dissertacao_Gabriele_Kruger.pdf>. Acesso em: 21 Sep. 2021.

LOPES, Maura C., MORGENSTERN, Juliane M. **Inclusão como matriz de Experiência.** Pro-Posições | v. 25, n. 2 (74) | p. 177-193| maio/ago. 2014. Disponível em: . Acesso em 09 de ago. 2018

M. F. (2020). CUIDADOS DE ENFERMAGEM A PESSOA COMTRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: **REVISÃO DE LITERATURA. *REVISTA UNINGÁ*, *57*(3), 60-70**.

MAIA, F. A., Almeida, M. T. C., Oliveira, L. M. M., Oliveira, S. L. N., Saeger, V. S. A., Oliveira, V. S. D., & Silveira, M. F. (2016). **Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho**. Caderno de Saúde Coletiva, 24(2), 228-234. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414462X2016000200228&lng=en &nrm=iso&tlng=pt.

MELO, C. A., Farias, G. M., Oliveira, G. S., Silva, J. F., Negreiros, J. E. L., & Pinheiro, R. C. S. (2016). **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo.** Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, [S.l.], 2(2). Recuperado de http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/1154

MEMARI A. H.; GHAHERIi B.; ZIAEE V.;KORDI R.; HAFIZI S.; MOSHAYEDI P. **Physical activity in children and adolescents with autism assessed by triaxial accelerometry; Pediatric Obesity**, vol.7, n.1, pg.65-79, 2012.

MINISTÉRIO, D ; SAÚDE. ESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO E SUAS FAMÍLIAS LINHA DE CUIDADO PARA A ATENÇÃO ÀS PESSO LINHA DE CUIDADO PARA A ATENÇÃO ÀS PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO E SUAS FAMÍLIAS NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DO. 2015. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf>.

MORAIS, Bruna; VASCONCELOS, Areda ; PHILIPE DE SOUSA, Renato. **ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AUTISMO-uma revisão bibliográfica**. [s.l.]: , [s.d.]. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/ASSISTENCIA_DE_ENFERMAGEM_AO_AUTISMO_uma_revisao_bibliografica.pdf>.

MOREIRA NS. **O cuidar do portador de autismo e seus familiares: uma abordagem multiprofissional.** R pesq: cuid fundam Online. 2010 dec; 2(Ed Supl): 271-4.

NOGUEIRA, V. M. R. **O assistente social como trabalhador da saúde: desafios ao exercício e à formação profissional na estratégia da saúde da família**. XII Congresso Brasileiro de Serviço Social. Brasília, 2011

OLIVEIRA, Heloisa Sousa. **Atuação do enfermeiro no cuidado à criança com transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura**. 2018.

OLIVEIRA. M. L. S**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA FORMAÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Algumas Reflexões MARIA DA LUZ DOS SANTOS OLIVEIRA JOÃO PESSOA JUNHO\2016**. [s.l.]: , [s.d.]. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1971/1/MLSO13092016#:~:text=a)%20Tra%C3%A7os%20de%20autismo%20(cujas>.

PAN C. Y; FREY G.C; Physical Activity Patterns in Youth with Autism Spectrum Disorders; Jornal Autism Dev Disord V.36, n.1, pg.597–606, 2006.

PEREIRA, Alessandra; RIESGO, Rudimar S.; WAGNER, Mario B. Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso noBrasil. **Jornal de Pediatria**, v. 84, n. 6, p. 487-494, 2008.

PINTO RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Souza NVL, Saraiva AM. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Rev. Gaúcha Enferm. [Internet]. 2016 [cited 2018 jul 12];37(3):e61572. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000300413&lng=en. Epub Oct 03, 2016. http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572.

RIESGO, R., Neuropediatria, autismo e educação. In**: Autismo, educação e transdisciplinaridade**, editora papirus,2013, pag. 43-60.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular **- Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SENA, R.C.F.et al.**Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil**.Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

TUCHMAN, R. R., I. **Autismo: abordagem neurobiológica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.